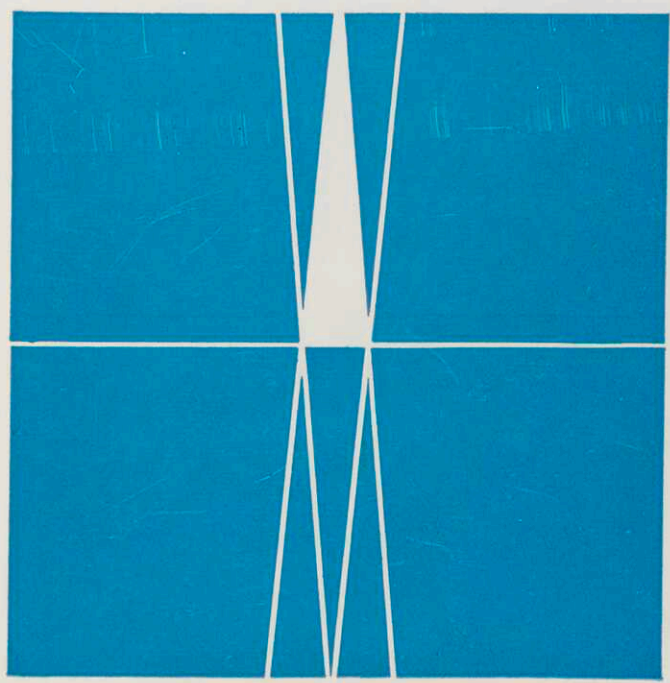


2784B



**PORTVCALE**

REVISTA DE CULTURA LITERÁRIA E ARTÍSTICA SUPLEMENTOS À 3.A SÉRIE



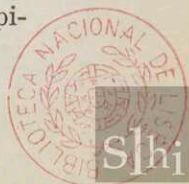
## Os primeiros artistas plásticos de «A Águia»

POR DIOGO DE MACEDO

Quão poucos se recordarão desta revista, que, no entanto, foi a audaciosa precursora daquelas outras tanto refofheadas hoje! À distância tudo se amacia de ternura. A própria vida humana parece que só foi sonho e virtude. Estranho sentimento é o da Saudade! De complexo e simples, analisado por sábios e exaltado por poetas, em cada lusíada parece indefinível, embora em todos a origem seja de fatalidade. Presença da ausência, misto de pena e de consolo, a evocação selecciona as lembranças fixando apenas o essencial. Pelo inefável e tormentoso, eu não sei se em vez de sentimento, não será um sentido anímico de esperança e de desconforto, paradoxalmente contraditório, «contentamento descontente» em que o nosso ser, o da nossa raça, sonha e actua, ora pasmado e soberbo, ora inquieto.

Vão longe os meus vinte anos! O escolar findava os cursos no Porto, para em liberdade retomar estudo, vagabundeando. Em polémicas literárias o «Saudosismo» estava na berlinda. Entre poetas os combates resultam em Jogos Florais. Ora todos os rapazes da «Renascença Portuguesa» eram poetas e independentes, sendo aliciante a comunidade dessa Ordem de intelectuais. Não era uma seita estética como a dos «Pré-rafaelistas», mas tão-sòmente a reunião de personalidades distintas por uma ansiedade de idealismos afins, de reabilitação nacional pelo espírito. Como eram poetas, fundaram uma revista de ideias e de emoção: «A Águia». Entre eles havia um pintor que também escrevia versos fora dos seus desenhos em poesia: António Carneiro. Quem o conheceu, tímido e orgulhoso como Columbano, de mansas falas, sorriso triste e olhar penetrante, mas delicado, tal como o escultor António de Azevedo o retratou, estimava-o com admiração. Nem Manuel Laranjeira com as hipérboles do seu nervosismo de inconformado, nem António Patrício com as finas atitudes do seu nefelibatismo, nem Eduardo Coimbra, nem Rodrigo Solano, nem Augusto Santo, nem nenhum dos muitos com quem convivera, ilustrando-lhes os versos, tinha conseguido macular com qualquer sombra de pecado a auréola de santidade com que os caricaturistas lhe cobriam a calva de apóstolo de altar. Ao regressar de Paris, apaixonado por Puvis e por Carrière, como tantos da sua geração, Carneiro Júnior — assim assinava então — era um pintor místico literário. Depois do «Ecce Homo» e da «Ceia» libertara-se dos ídolos e tornara-se um grande retratista, sendo dos maiores desenhadores que havemos e numa maneira inconfundível. Parecia rezar quando apreendia o sorriso duma criança, visionava o mistério duma face senhoril em halos de luz, ou quando concebia em ambientes de sonho, evocativos, a esbelteza de Camões, lendo «Os Lusíadas». Embevecido, recolhia os encantos da Natureza transfigurada em panoramas religiosos e em expressões espirituais.

31





Tenho conhecido muitos pintores, ouvido as suas lições e comungado dos seus entusiasmos; tenho-os visto trabalhar e tenho assistido aos seus triunfos e aos seus desgostos; pois raro é aquele que por temperamento romântico, na febril ambição ou no entusiasmo dos projectos, não agita os ambientes e não provoca ruídos à sua volta. Ele, porém, por feitio e educação, defendia o sossego, desviava-se das vertigens e da popularidade, refugiando-se no silêncio. Os críticos procuravam-no para alaridos; os amigos empurravam-no para a conquista da glória; mas ele, confuso e tímido, assustado e heróico, preferia esconder-se, embora saboreasse a vitória nos seus enleios de consciência.

Vila Moura e Correia de Oliveira levavam-no para Ancede ou para Belinho, davam-lhe uma cela e deixavam-no sonhar a gosto. Quando regressava ao Porto, ao seu convento de isolamento com passagem pela porta do «Camanho», trazia um poema em desenhos e outro de meditações e comoções — «Solilóquios». Bastava então um apelo para que enchesse de estampas «A Águia», galeria iconográfica ou de composições e leves apontamentos, colaborando com satisfação. A revista era a sua exposição volante. Quando buscou no «Reveil de l'Humanité», de Rodin, o perfil para a medalha dessa revista, preferindo-a à do «Desterrado», de Soares dos Reis, ele bem sabia que a «Renascença» se fundara como um resgate de criacionismo e não como uma empresa especulativa de determinada expressão literária. Pascoais arreliviava-se; Mário Beirão, então menino, sorria. Na primeira série da revista, o seu terrível camarada das ilusões de Paris, agitado e agitador panfletário da Arte com finalidades duma utópica revolução social, o diabólico esteta de «A Greve» e «Fim de balada», o espontâneo e sarcástico artista das páginas dos albuns do Trabalho e da Miséria com legendas à Forain, que fora Cristiano de Carvalho, gravara em pinceladas violentas o voo duma águia para a capa da publicação, num intencional sinal de livre proclamação de ideias.

Cristiano, à sua maneira, era também um poeta. Conversador admirável, de grande cultura literária e profissional, soberano nas críticas e atrevido na arte, desbaratou o talento em desenhos de cartazes e de jornais, criando um género de propaganda irónica, de romantismo anárquico, não pensando nunca em realizar obra de durabilidade, naquele desassossego em que o seu burguesismo disfarçado andou envolvido. De centenas e centenas de desenhos que arrancou da sua inquietação, apenas ficaram umas dezenas de máscaras em sínteses de traços e a lembrança da sua loquacidade e da sua dialéctica. Truculento e satírico, ora de traço leve e voluptuoso à Steinlen, ora em gravados de tinta vivaz à Herman Paul ou à Faibre, em contrastes fortes pela simplificação do essencial, o mordaz Cristiano, de «lavallière» à moda dos «rapins», foi um caso de dispersão daqueles tempos, em que a boémia absorvia o sonho quando este era incompleto.



Os seus desenhos, os seus escritos e as suas atitudes quebrantaram e redundaram em drama nos últimos tempos da sua vida.

Em «A Águia» dois outros desenhadores de início devem ser recordados: o poeta Jaime Cortesão, loiro, espadaúdo e arrogante, alma permanente do ideal da empresa, e o humorista Virgílio Ferreira, míope, magrizona e doente. Formados em Medicina, seriam dois artistas notáveis se ao primeiro outros destinos o não atraíssem para deveres culturais de excepcional importância, que o seu igualmente excepcional talento tem cumprido com honra, e se ao segundo a morte não o houvesse tão cedo fulminado. Sempre os médicos se dedicaram, com frequência, às artes plásticas. O Abel Salazar, por exemplo, e João Monteiro, também colaboradores de «A Águia» e apaixonado desenhador impressionista, que registou e embelezou, através da sensibilidade do seu lápis adestrado, os cenários mais típicos da cidade do Porto. Se em todos era comunicativa a paixão pela Arte, neste artista e democrático professor, de barbicha e expressão faunésca, essa paixão era aliciante. O jovem pintor Soares Lopes, que também colaborou na revista, foi o melhor testemunho desses estímulos.

Nos meus tempos de petulante escolar conheci-os a todos. Poderia, avivando a memória e desrespeitando o espaço destas linhas, contar peripécias de travessuras e anedotas de convívio, factos passados, encontros e conversas; mas isso me levaria longe neste tagarelar. Limito-me a confessar com orgulho que muito os estimei pela admiração, assim como a João Augusto Ribeiro, outro dos primeiros colaboradores de «A Águia».

Mestre na pintura, dos de maiores êxitos nas exposições a que concorria, depois de, durante muitos anos, se ter absterido dessas exhibições, era um dos artistas mais sabedores, principalmente no campo plástico daquele tempo. Excelente professor, era também crítico de arte, conhecedor de inúmeros segredos técnicos, e de fina sensibilidade. Da sua pena, porém, nunca saiu uma acusação, uma censura ou uma injustiça.

Foi vasta a colaboração artística de «A Águia». Enumerá-la não é meu propósito, mas tão somente indicar os primeiros, os fundadores auxiliares de Álvaro Pinto, arquitecto da organização, com expansão editorial e livraria, cuja fachada e arranjo interior foi de Carlos de Sousa, também colaborador da revista. Na segunda fase desta, diminuindo de formato e aumentando no programa, Correia Dias, então estudante em Coimbra, desenhara-lhe a capa e algumas vinhetas ilustrativas. Desenhador de gosto um tanto nefelibata, que, desde a «Rajada», por todas as revistas literárias era indispensável, partira em aventura para o Rio de Janeiro, onde rapidamente fez nome e revolucionou o género ilustrativo, casando com a maior poetisa do Brasil, Cecília Meireles, e ali se deixando desfalecer. Que simpáticas recordações guardo desse rapaz, desde quando, em Paris, com Armando de Basto, outro colaborador da revista, o encontrámos



fazendo parte do Orfeão de Coimbra! E de Cristiano Cruz, que naquelas páginas também surgira, indo, muitos anos depois, morrer em Moçambique! Um dia, um panteísta enamorado das árvores surgiu do Choupal, como um fantasma, de barba e cabelo hirsuto, vagabundo e poeta, com uma pasta cheia de desenhos emoldurados com legendas de filosóficas abstrações. Era o «Cervantes de Haro». Tropara à porta de «A Águia e esta dera-lhe guarida. Foi esta guarida, esta hospitalidade de simpatia que tornou aquela revista um documentário de Arte, no qual os pintores e os escultores mais notáveis de então e os mais moços, os que experimentavam voo, tiveram igual trato de cortesia.



